



aula 2

ANTROPOFAGIA e modernismo

ANDRÉ DORIGO

Instagram @andredorigo

youtube.com/andredorigo

facebook.com/andredorigoprofessor

A REDESCOBERTA DE HANS STADEN

Publicado pela primeira vez na Alemanha, em 1557, os relatos de Hans Staden só foram traduzidos e publicados no Brasil em 1882, pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB).

Em 1927, o escritor Monteiro Lobato fez uma adaptação do texto, de modo a atingir um público maior. Em 1941, Cândido Portinari fez ilustrações para uma nova edição da obra de Staden. No entanto, ela nunca foi publicada.

Os relatos do viajante alemão também inspiraram filmes: “Como era gostoso o meu francês” (1971) e “Hans Staden” (1999).



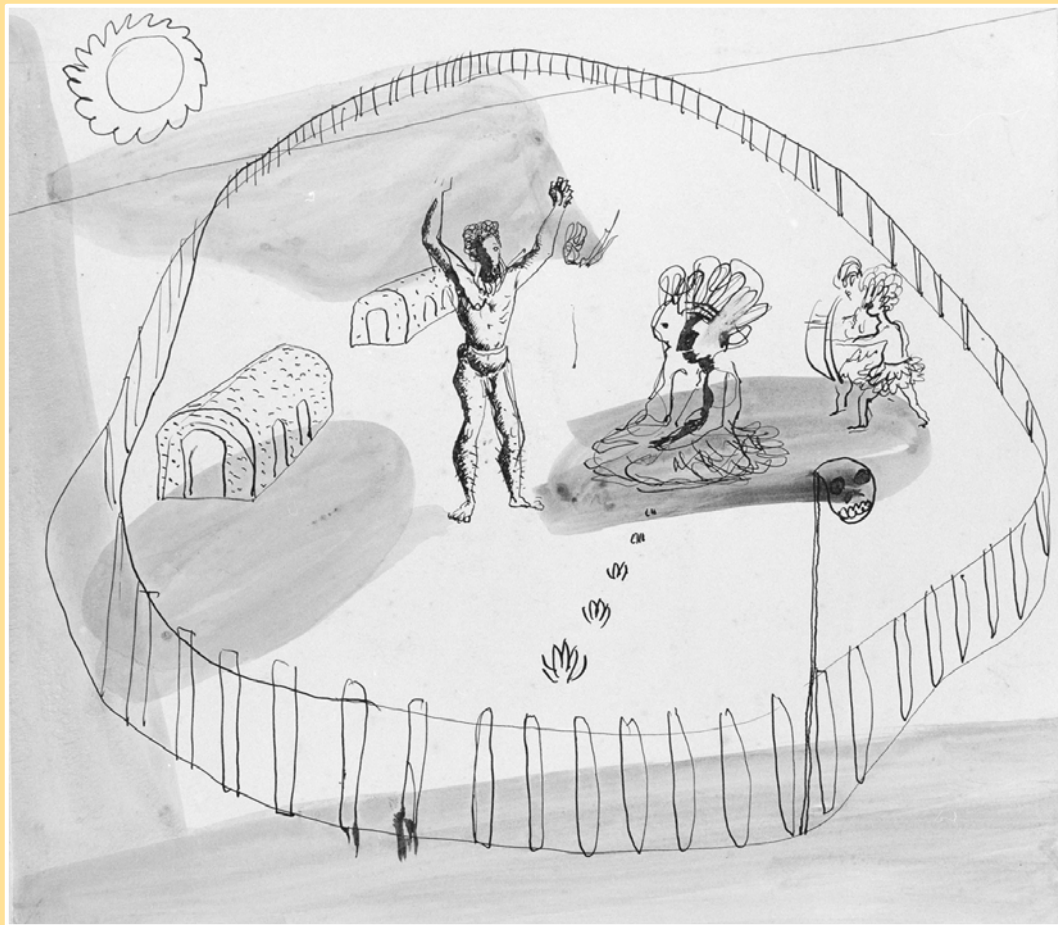
AVENTURAS DE HANS STADEN

Monteiro Lobato

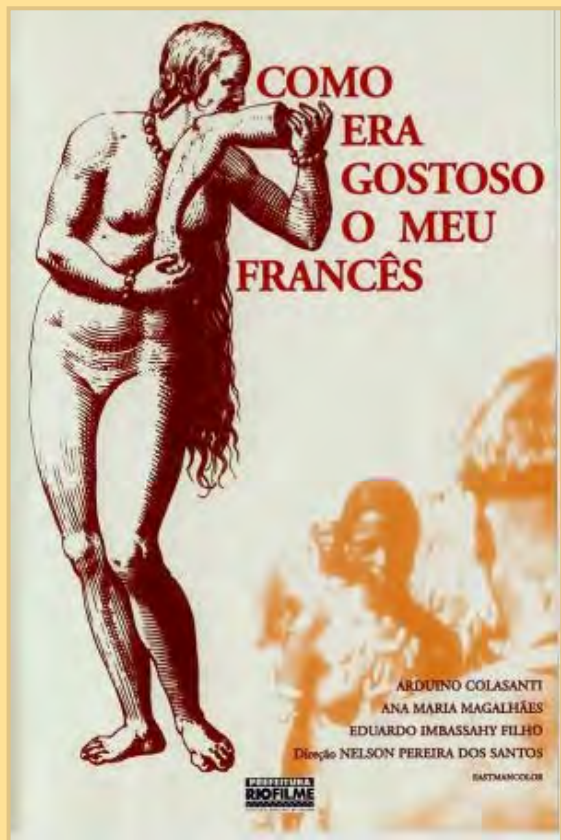
Na versão de Lobato, escrita em 1927, a saga do viajante alemão nas terras brasileiras é contada por Dona Benta, personagem do Sítio do Picapau Amarelo.



HANS STADEN
Cândido Portinari
1941



HANS STADEN
Cândido Portinari
1941



COMO ERA GOSTOSO O MEU FRANCÊS

Nelson Pereira dos Santos, 1971



HANS STADEN

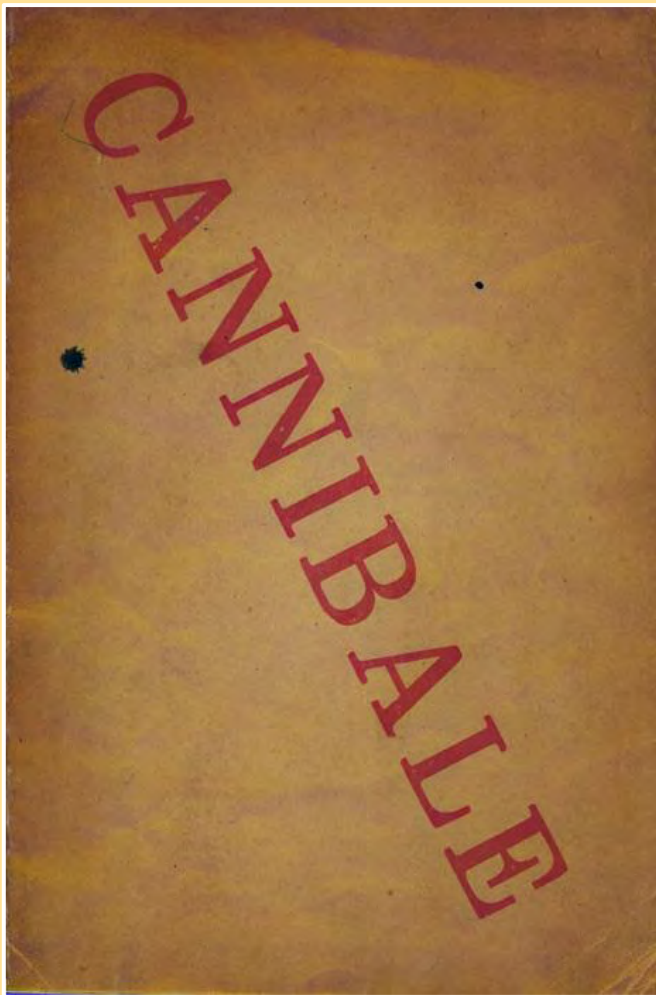
Luis Alberto Pereira, 1999

VANGUARDA E ANTROPOFAGIA

O sentido de vanguarda na arte refere-se aos artistas que estariam na frente do seu tempo, **rompendo com os padrões artísticos vigentes**.

A ideia de “**canibalismo**” foi usada por vanguardas europeias, como o Dadaísmo e o Surrealismo, que defendiam um “**pensamento selvagem**” como estratégia para a renovação artística.

No Brasil, além de romperem com o conservadorismo, os modernistas colocaram em questão a noção de brasilidade e a produção artística do país. Oswald de Andrade defendia uma “**devoração**” crítica das influências estrangeiras, de modo a desenvolver uma arte essencialmente brasileira. “Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente.” (1928)



REVISTA CANNIBALE

Francis Picabia

1920

Os dadaístas “canibalizavam” objetos sem valor estético para fazer colagens e ready-mades (objetos produzidos em massa e transformados em obra de arte).



SEMANA DE ARTE
MODERNA - CATÁLOGO
DA EXPOSIÇÃO S. PAULO
1922

CAPA DO CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Di Cavalcanti

A exposição ocorreu em fevereiro de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo. Foram expostas obras de pintores como Anita Malfatti, Di Cavalcanti, Vicente do Rego Monteiro e escultores como Victor Brecheret. Entre os escritores, houve a participação de Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Menotti Del Picchia.



**TROPICAL
(NEGRA BAIANA)**

Anita Malfatti
1917

Pinacoteca do Estado de
São Paulo



Oswald de Andrade, Tarsila do Amaral, Yvette Farkou, Fernand Léger, Constantin Brancusi e Maxmilien Gauthier, França, anos 1920



TRÊS MULHERES

Fernand Léger

1921-22

Museu de Arte Moderna
Nova York, EUA



A CAIPIRINHA

Tarsila do Amaral

1923

Coleção particular

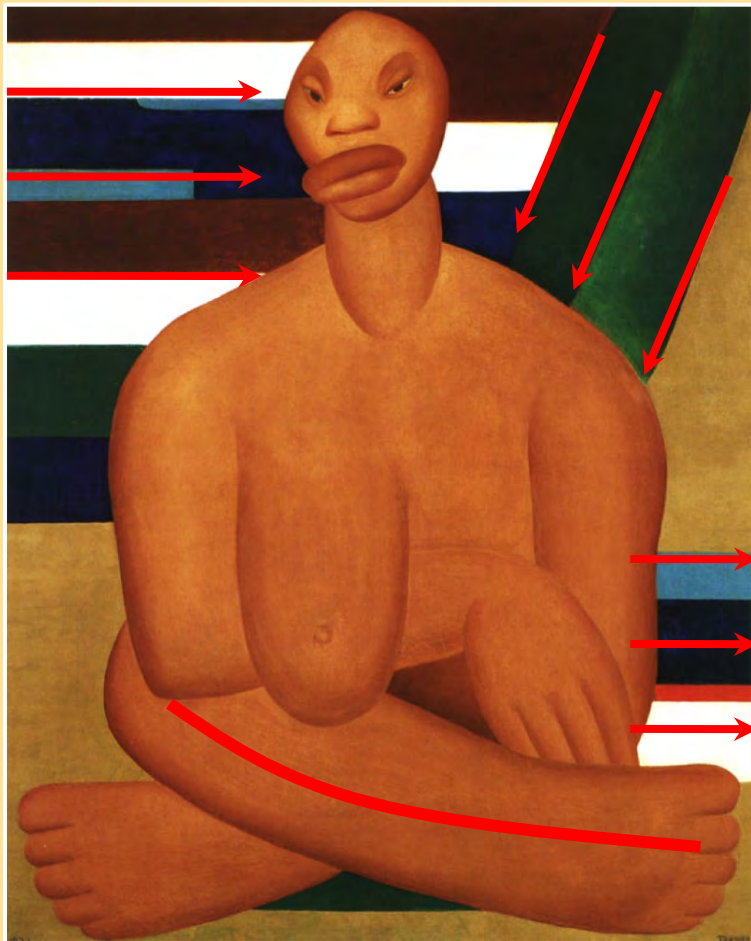


A NEGRA

Tarsila do Amaral

1923

Museu de Arte
Contemporânea
São Paulo



A NEGRA

Tarsila do Amaral

1923

Museu de Arte
Contemporânea

São Paulo



D. Olívia Guedes Penteado, Blaise Cendrars, Tarsila do Amaral,
Oswald de Andrade Filho (Nonê) e Oswald de Andrade
Fazenda Santo Antônio, Araras, São Paulo, 1924

MANIFESTO PAU-BRASIL

Oswald de Andrade, 1924

“A poesia existe nos fatos. Os casebres de açafrão e de ocre nos verdes da Favela, sob o azul cabralino, são fatos estéticos.”

O Carnaval no Rio é o acontecimento religioso da raça. Pau-Brasil. Wagner submerge ante os cordões de Botafogo. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. Riqueza vegetal.”

“Contra o gabinetismo, a prática culta da vida.”

“A língua sem arcaísmo, sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros. Como falamos. Como somos.”

“O contrapeso da originalidade nativa para inutilizar a adesão acadêmica.”



A FEIRA II

Tarsila do Amaral
1925
Coleção Particular



E.F.C.B.

Tarsila do Amaral

1924

Museu de Arte

Contemporânea da

Universidade de São Paulo

“Encontrei em Minas as cores que adorava em
criança. Ensinaaram-me depois que eram feias e
caipiras. Mas depois vinguei-me da opressão,
passando-as para as minhas telas: o azul puríssimo,
rosa violáceo, amarelo vivo, verde cantante, ...”

TARSILA DO AMARAL



ABAPORU

1928

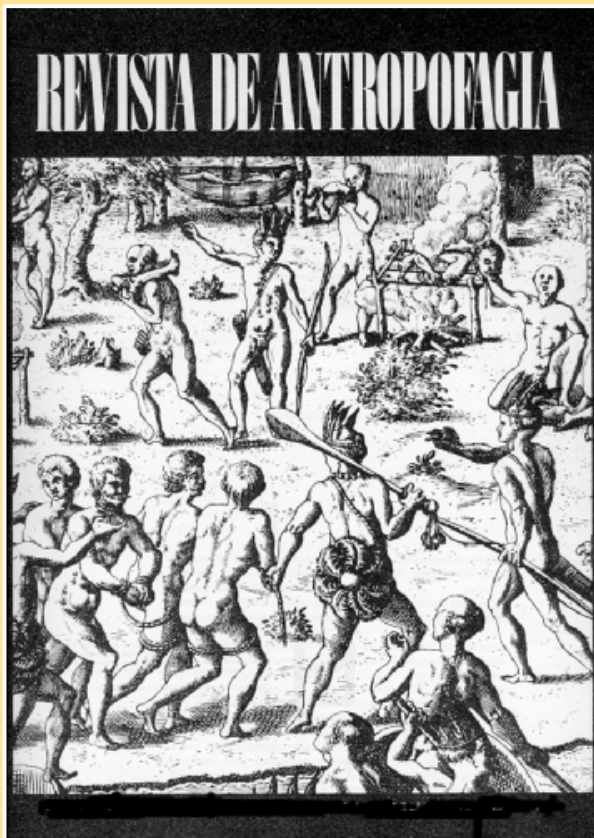
Museu de Arte Latino-
Americana de Buenos Aires
(MALBA)



ABAPORU

1928

Museu de Arte Latino-
Americana de Buenos Aires
(MALBA)



REVISTA DE ANTROPOFAGIA
1928

MANIFESTO ANTROPÓFAGO

Oswald de Andrade, 1928

“Antropofagia. Absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem. A humana aventura. A terrena finalidade.”

“Queremos a Revolução Caraíba. Maior que a Revolução Francesa. A unificação de todas as revoltas eficazes na direção do homem. Sem nós, a Europa não teria sequer a sua pobre declaração dos direitos do homem.”

“Antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade.”



URUTU

Tarsila do Amaral

1928

Museu de Arte Moderna

Rio de Janeiro



ANTROPOFAGIA

1929

Acervo Fundação José
e Paulina Nemirovsky,
São Paulo

“Tupi, or not tupi that is the question.”

MANIFESTO ANTROPOFÁGICO, OSWALD DE ANDRADE, 1928